



studioroman_CANVA

GESTÃO

MAIS VENDAS, MENOS LUCRO: O CUSTO DA DESORGANIZAÇÃO EMPRESARIAL



Sem rotinas claras de gestão, empreendedores trabalham mais, decidem pior e aumentam o risco de fechar antes dos cinco anos

Empresas raramente quebram por falta de trabalho. O que compromete a sustentabilidade dos negócios, especialmente no Brasil, é crescer sem método. À medida que a empresa avança, decisões antes resolvidas na intuição passam a exigir processos, previsibilidade e disciplina. Quando essa transição não acontece, o imprevisto deixa de ser exceção e vira rotina. E o impacto aparece primeiro, no caixa.

Mesmo em um cenário de forte empreendedorismo, como no Brasil, os desafios de gestão seguem elevados. Dados divulgados em 2025, com base nas análises mais recentes do IBGE e do Sebrae, indicam que cerca de 60% das empresas brasileiras encerram as atividades antes de completar cinco anos. Esse número segue sendo citado em estudos atuais por refletir um padrão estrutural do ambiente de negócios no país, apesar do aumento expressivo na abertura de empresas.

Somente em 2025, o Brasil registrou milhões de novos pequenos negócios formalizados, com destaque para microempresas e MEIs, que representam a ampla maioria das aberturas. O dado reforça um paradoxo recorrente: empreender nunca foi tão acessível, mas sustentar o crescimento segue sendo o principal desafio. O problema, na maioria dos casos, não está na falta de mercado ou de demanda, mas na ausência de método para organizar a operação à medida que o negócio cresce.

Para Paulo Motta, empresário à frente de estruturas de crescimento acelerado como IMVester e The Networkers, rotina não tem relação com rigidez ou controle excessivo. “Rotina é clareza. Quando a empresa depende do improviso, tudo fica mais caro: Decidir demora, conflitos aumentam e o líder passa o dia apagando incêndios. Uma rotina bem desenhada permite escalar sem perder o comando”, afirma.



Paulo Motta

Na prática, a ausência de rotinas claras costuma se revelar de forma silenciosa. Herculano Sousa Cruz, consultor de negócios e especialista em finanças e operações, acompanha esse padrão em pequenas e médias empresas de diferentes setores. “A desorganização empresarial não resulta em falência imediata; ao contrário, manifesta-se progressivamente por meio da erosão das margens de lucro”, explica.

Práticas como a fusão de finanças pessoais com as corporativas, ausência de definição de pró-labore, aquisição de estoques sem critérios de rotatividade e decisões financeiras reativas são indicativas da carência de processos financeiros estruturados.

Esse fenômeno é frequentemente observado: o aumento do faturamento e da carga de trabalho não se traduz em maior rentabilidade. “Sem uma rotina financeira estabelecida, o empreendedor celebra o crescimento das vendas enquanto o lucro diminui. O fluxo de caixa, nesse contexto, revela a realidade financeira da organização”, pontua Herculano.

“Rotina é clareza. Quando a empresa depende do improviso, tudo fica mais caro: Decidir demora, conflitos aumentam e o líder passa o dia apagando incêndios. Uma rotina bem desenhada permite escalar sem perder o comando”

Para mitigar esses desafios, é importante implementar processos financeiros sistematizados, manter a segregação entre as finanças pessoais e empresariais, estabelecer um pró-labore adequado e adotar decisões fundamentadas em análises financeiras e planejamento estratégico. Essas medidas são essenciais para assegurar a saúde financeira e o crescimento sustentável da empresa.

Para Paulo, o problema começa no topo. Líderes que não organizam a própria agenda e os próprios rituais de decisão acabam transmitindo caos para toda a estrutura. “Agenda caótica gera empresa caótica. A forma como o líder organiza o tempo define prioridades, ritmo e cultura. Isso se espalha rápido”, observa.

Rotina não engessa, ela libera. Libera tempo, energia e capacidade de decisão. Rotinas simples como fechamento financeiro periódico, leitura de indicadores, definição clara de papéis e revisão de processos reduzem retrabalho, evitam riscos e protegem o resultado.

À medida que a empresa cresce, essas rotinas também precisam evoluir. O que funciona em uma estrutura pequena pode virar gargalo em operações maiores. Revisar rituais de decisão, reuniões, fluxos financeiros e responsabilidades deixa de ser ajuste pontual e passa a integrar a estratégia.

Rotina organizacional não é hábito pessoal e sim método de gestão. Um instrumento pouco glamouroso, mas decisivo para sustentar crescimento, proteger o lucro e evitar que empresas fortes em faturamento se tornem frágeis no resultado.



SILVIAJANSEN_CANVA